

Associação Comunitária Rural de Imbituba – ACORDI  
SÉRIE: Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil



# Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

## Comunidade Tradicional de Agricultores e Pescadores Artesanais dos Areas da Ribanceira Imbituba, SC

20



## **Associação Comunitária Rural de Imbituba – ACORDI**

**Presidente** Marlene Borges

**Vice-presidente** Anilton de Souza Sabino

**Tesouraria** Maurino I. Martins e Genésio de Freitas

**Secretaria** Geremias Valentin e Luis de Souza



### **CONTATO**

**Associação Comunitária Rural de Imbituba – ACORDI**

Rua Ailton Floriano S/N

Áreas da Ribanceira

Imbituba SC

acordi.org@hotmail.com

**NUER/UFSC**

Campus Universitário

Trindade

88040-970 Florianópolis SC

www.nuer.ufsc.br

***Participantes das oficinas e reuniões: Argemiro, Antero, Antônio João, Aurina, Ayres (Zezeca), Dalvina, Faustina, Genésio, Geremias, Inês, Juarez, Luis Farias, Luis de Souza, Maria José, Manoel Bráulio, Maria do Carmo, Marlene, Mariléia, Maurino, Natalino, Anilton (Neim), Romélio, Darci, José Farias, Zé Leandro, Antônio Valentin, Valdira, Valmor, Adílio, Walda, Ademir, Ana, Arcelino, Jailson, Joaquim e Alírio. Crianças: Isabela, Maria Antônia, Davi, Sabrina e Geremias Filho.***

***Data das oficinas:***

***21/11/2009; 03/03/2010; 18/11/2010; 02/04/2011***

---

N935 Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: comunidade Tradicional dos Agricultores e Pescadores dos Áreas da Ribanceira / Coordenadores: Alfredo Wagner Berno de Almeida ; Organizadores: Raquel Mombelli... [et a.]. – Manaus : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2011

12 p. : il. ; 25 cm. (Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil ; 20)

ISBN 978-85-7883-190-5

1. Comunidades Tradicionais – Áreas da Ribanceira 2. Conflitos Sociais – Santa Catarina (SC) I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo III. Série.

CDU 301.185.2 : 316.48 (816.4)

---

#### **Coordenação do PNCSA**

Alfredo Wagner Berno de Almeida

NCSA - CESTU/UEA

Rosa Acevedo Marin

UNAMAZ – NAEA – UFPA

#### **Coordenação NUER**

Ilka Boaventura Leite

#### **Equipe de pesquisa / Mapeamento**

Raquel Mombelli

Nazareno José de Campos

Aline Miranda Barbosa

Daniel Assis Freitas

Ezequiel Antonio de Moura

Maíra Siena Tomazelli

Murilo Faria de Couto

Paulo Zanin

Clésio Azevedo da Silva

#### **Edição**

Raquel Mombelli NUER/UFSC

Aline Miranda Barbosa

#### **Edição do mapa**

Erwin B. Marques

#### **Fotografias**

Pepe Santos

Sofia Zank

Geremias Valentin

Ezequiel A. Moura

Aline M. Barbosa

Raquel Mombelli

Dalzemira Anselmo

#### **Projeto gráfico e editoração**

Design Casa 8 [www.designcasa8.com.br](http://www.designcasa8.com.br)

## O que são os Areais da Ribanceira?

“São terras de uso comum, utilizadas por agricultores e pescadores... O nome de Areais da Ribanceira é por causa das Dunas.”

**Marlene Borges**

“Duna dos três Mares, porque se a vista o mar de dentro (Mirim), o mar grosso e o mar da Ibiraquera (lagoas)... Meu pai e minha mãe também falavam que isso tudo aqui era mata virgem. Era uma sesmária doada para a família Martins, a família do seu Pilício, que foi crescendo, casando, repartindo tudo.... Naquele tempo era assim, não se vendia terra, se trocava por alimento...” **Luis Farias**



## As roças da Ribanceira: usufruto comum das terras

“... Nós aqui não temos nada cercado, mas cada um sabe o seu pedaço que cabe.”

**Ana Estácio Cardoso (Noquinha)**

“Meu sogro já plantava nesse terreno aqui e eu continuei... Agora que tô com a morada, posso ter criação... Eu plantei roça mais pra cima, longe da criação (dos patos, dos perus...). Tenho que ter cuidado porque no campo não tem nada cercado. Os outros animais, as vacas, os cabritos... são criados na corda, nas áreas que estão descansando.” **Antero Francisco Cardoso**

“Já morreu uns quantos aqui... mas já ficou mais. Já entregaram pra nós, já entregaram pra outro, que se aposentou. Daqui a pouco se aposenta mais e entrega pra outro. Nunca se acaba, acaba o povo, mas o terreno nunca se acaba... Mas não dá de vender, se vender fica sem nada.”

**Ana Estácio Cardoso**

## O trabalho coletivo

“(...) faz um grupo de amigos, todo mundo se ajuda para preparar terra. Mas para capinar é cada um por si, às vezes a mulher ajuda nessa hora.” **Ayres Francisco Cardoso (Zezeca)**

“(...) conjunto de 8 amigos, um mutirão na roça de cada um para plantar, depois cuidam sozinhos.” **Natalino Borges**



“Um outro momento de união é quando se faz algum serviço na sede da ACORDI. A feira da mandioca é um exemplo disso.” **Geremias Valentim**



“O trabalho coletivo está presente na maior parte das atividades da nossa comunidade. Se não fosse a união, não se conseguiria processar mandioca (fabricar farinha) e nem efetuar arrasto de praia...” **Marlene Borges**

## Saberes e conhecimentos tradicionais sobre o cultivo da mandioca

***“Capina a primeira quando vê a mandioca nascer, a segunda quando puder e a terceira quando quiser”***

***Dito popular local sobre a mandioca***

### O preparo do solo e tratos culturais

“O fogo é uma grande ferramenta que a gente têm...” **Romélio Guiomar da Silva**

“Pra trabalhar com fogo, se pega uma área descansada, se roça e aceira. O aceiro é feito pro mato não passar pra capoeira... Mas, só se coloca fogo depois de quinze dias..., se deixa descansar uns quatro dias pra começar a plantar...Se planta direto nas covas...” **Darci Domingos dos Santos**

“O cultivo da mandioca dura de 1 a 2 anos, e nesse período vou adubando a terra com esterco.”

**Luiz Farias**

“O plantio da mandioca é entre setembro e outubro, na lua minguante.” **Genésio de Freitas**

“Agosto não é bom porque venta muito, sapeca as ramas.” **Joaquim Francisco Martins (Pilício)**

“Depois de cinco anos, quando o mato já estiver alto, com vassoura, a terra já descansou.”

**Ayres Francisco Cardoso (Zezeca)**

“A colheita da mandioca começa em abril, durante a quaresma”. **Antonio Valentim**

“Uso o trator, adubo orgânico, não compro o químico, porque senão não dá lucro e fica com cheiro na mandioca... A terra enfraquece”. **José Manoel Gonçalves (Zé Leandro)**

### As variedades

“Mandioca torta, rende bem e dá povilho pesado.” **Alirio Bento da Silva**

“Aipim pêssego é macio, bom em qualquer terra e bom de cozinhar.” **Antero F. Cardoso**

“Gosto do aipim eucalipto porque é mais carregado, bom de cozinhar e fácil de arrancar da terra. Mas a farinha de aipim não é tão boa porque tem fiapo. A farinha da torta (mandioca) é uma farinha mais grossa, redonda.” **Luiz de Souza**

“Mandioca Aipinzão, Azulzinha, Roxo e Folha redonda são as que melhor dão no morro.”





### Genésio de Freitas

“Mandioca branca é resistente, dá até em terra fraca.” **Maurino I. Martins**

“Aipim roxo, cozinha bem e dá em qualquer lugar.” **Darci Domingos dos Santos**

“Mandioca franciscal é resistente, não adocece, difícil de sapear.” **Adílio Marques**

“Se ficar batendo o aipim, por exemplo, dentro da carroça, ele amarga, o aipim tem segredo.”

**Alírio Bento da Silva**

## A pesca artesanal

“Antigamente, logo que se chegava da roça, antes de escurecer, se ia até o costão pra pegar um saco de marisco pra ceia. Hoje, se fica uma manhã inteira pra pegar uma panela. Antes não era comércio, hoje é um grande comércio... Antes em qualquer pedra que se chegava se tirava um saco rapidinho.” **Genésio de Freitas**

“Praticamente, todos os agricultores que trabalham nos Areais tem relação com a pesca. Foi assim com meu pai, é com meu marido e com os demais. Alguns possuem ranchos, embarcações e aparelhos para pescar tainha, anchova... Outros pescam de redinha, tarrafas e linhas nas praias e costões.” **Marlene Borges**

“No meu entendimento a melhor praia pra pescar e sair de embarcação é a praia de Imbituba. Mas, por causa do Porto, vivemos ameaçados, impedidos de crescer... Vivendo em condições precárias... Os ranchos de pesca não tem luz e até água. Não se tem um cais pra desembarcar o pescado ou até mesmo uma pessoa acidentada...” **Jailson Diogo**

## Os Butiazeiros e produção de artesanato

“O butiá serve pra muitas coisas... do fruto se faz suco, se bota na cachaça, se faz doce e geléia.”

**Walda da Silva**

“O butiá é a nossa moeda de troca. Se troca a cachaça de butiá por peixe nos barcos...”

**Geremias Valentim**

“A folha do butiá deve ser colhida verde, depois se deixa murchar por três dias em casa, na sombra. Depois abre a palha, ela estala. Bota tudo num monte e põe no sol por 3 dias. Depois de murchar se começa a costurar pra fazer as tranças e deixar o chapéu inteiro. Ele dá serviço.”

**Ana Estácio Cardoso (Noquinha)**

“Das plantas se faz muita coisa, o cipó de São João dá pra fazer balaio. Se colhe na mingunte pra não bichar e começa a fazer...” **Darci Domingos dos Santos**



FOTO: ALICE TEMPEL



## As ervas medicinais

“Ali aonde eu plantei laranja, plantei outras coisas... A castanha é remédio, ela é muito forte, a folha é boa pra lavar as pernas com varizes e pra tratar a hemorróida. A erva é assim, tem erva que serve pra muitos tipos de doença... A espinheira santa é boa para infecção de mulher (ovário), mas também é boa para infecção no rim, pra pedra. A malva é boa pra lavar o dente, mas também é boa pra infecção de ovário e para diabetes. Sabe quantas garrafadas eu fiz? Vinte quatro mil. Faz uns 30 anos que eu comecei a fazer as garrafadas.” **Antonio Valentim**

“Deve ter pra mais de 300 espécies de ervas nessas, se catalogar direitinho tem muita.” **Geremias Valentim**

## Conflitos e luta pelo direito às terras

“Ouvi depoimentos de pessoas antigas, hoje falecidas, que a disputa por essa terra vem desde a fundação do Porto Henrique Lage, na década de 1950. Naquele tempo, os capangas vinham a cavalo tentando expulsar a comunidade nativa. Mas, a comunidade seguiu resistindo e usando o espaço de terra pra plantar e o mar pra pescar. Depois, na década de 1970, usando argumento de criação de empregos, o governo, através da CODISC – Companhia de Distritos Industriais de Santa Catarina desapropriou parte destas terras. Falo isso, porque até hoje encontramos sobreposição de escrituras. O que deixa claro que boa parte das escrituras que existem em nome da CODISC, e passadas recentemente para empresas privadas, são equivocadas. A grande questão é quanto realmente o governo desapropriou de terras em Imbituba. Muita gente saiu das terras e não recebeu indenização. Outros não assinaram nenhum documento e outros perderam seus direitos por força da repressão... Apesar disso, quem continuou na posse da terra foi a população tradicional e não o governo e as empresas. Pois, apenas o canto da praia de Imbituba e outra parte, próxima a Divinéia, é que foram utilizadas pela indústria. Isto é, pela a ICC – Indústria Carboquímica Catarinense, única indústria instalada na década de 1970... A ICC deixou um grande passivo ambiental para a cidade. Com a fundação da ACORDI é que os conflitos voltaram. Ficamos sabendo do processo de privatização destas terras... Em 2000, as terras tituladas em nome da ICC foram vendidas para Engessul, hoje Sulfacal, Sulgesso... Esta empresa já mudou tantas vezes de nome..., Estas terras foram vendidas, sem licitação pública, a preço de banana, R\$ 0,10 m<sup>2</sup> em 100 vezes. Por esse preço, os próprios agricultores poderiam ter comprado. Depois, em 2004, outra parte, desta vez as encostas da praia D'água e Imbituba, como também terras na BR 101, também foram vendidas.

Em 2010, venderam outra parte, a que diziam pertencer ao BRDE para empresários Italianos colocarem gado e também para Santos Brasil. Fizemos várias denúncias, abrimos processos para impedir as vendas... Mostramos as irregularidades... Tivemos comprometimentos de políticos e outras autoridades, mas até hoje não conseguimos muita coisa. Estamos perdendo nosso território... Tudo que conseguimos foi graças a nossa organização e resistência. Em 2010, não conseguimos impedir o cumprimento da sentença que deu ganho de causa para Engessul/Sulfacal/Sulgesso de uma ação de reintegração de posse e consequentemente impedir que a



Votorantim se instalasse e centenas de famílias ficassem impossibilitadas de cultivar nas suas terras.” **Marlene Borges**

“Nós temos (o gado), aonde não quero que eles tirem o terreno, eles vão dar o terreno e vão vender e vão ganhar dinheiro, vão ficar riquíssimo e vão deixar os pobres sem nada. E que é de-saforo também, né? Tão tudo bem nesse Porto aí e ainda querem mais, esganados! Nós ganhamos um salário. Lutamos, tamo lutando, vestindo roupa de quatro, cinco, seis anos, dez anos, roupa velha toda a vida. Não tem luxo. Sapato usado a gente também usa toda a vida, a gente não tem luxo. Come também comida nossa, não come coisa grã-fina. Tudo isso, pra apurar um pouco de dinheiro... E eles que trabalham no Porto, são rico e querem mais ainda. Então a gente tá brigando pra ficar com esse terreno. Eles querem ficar rico. Eles vão enriquecer com o nosso terreno. Dizem que tem um senhor não sei da onde, aí de fora que dá milhões pelo terreno pra fazer tudo prédio... Só imagina!” **Ana Estácio Cardoso (Noquinha)**

“A maioria dos que tão na roça lutando são velhos... Homem de 60 e 80 anos, mas todos com saúde e disposição pra ensinar os novos. Então tem gente de tudo quanto é idade..., quando a gente vem trabalhar traz um filho, filha, neto, genro... A comunidade, o juiz, olhe pra esse pessoal pobre, que tão aqui lutando pro pão de cada dia. Daqui se tira a farinha, o milho, a melancia... Tudo vem desta terra. Se a gente ficar sem a terra o que vai ser ... É o mesmo que fechar um hospital e abrir um cemitério. Porque pra nós é um divertimento, é uma alegria, é saúde! Nós vamos de manhã pra lá, trabalhamos o dia todo, de noite todo mundo vem pra casa tranqüilo. Outros dormem lá... Então essa terra é nossa...” **Ayres Francisco Cardoso (Zezeca)**

“O dinheiro que deram pelos terrenos era uma miséria não era? Tiraram o pessoal das suas casas, das terras... porque a indústria ia dar muito emprego....Mas, no final da história nem emprego, nem terreno... Só poluição e destruição... os empregos que vinham era para os caras de fora.” **Luis Farias**

## **Acordos e regras que foram descumpridas**

“Naquela época, quando a ICC tava funcionando, descobrimos que tinham dado as terras para uma empresa de Tubarão plantar mandioca... Nos fizemos reunião na prefeitura com o Chico da ICC... foi decidido que as terras iam voltar pros agricultores, cada um ganhou um talhão pra plantar... Nós sabia quem é que plantava muito e quem é que plantava pouco... Então ganhava de acordo com a quantidade que plantava... Mas, depois fizemos nossas próprias regras, respeitando, o descanso da terra. Ninguém plantando com ganância de querer a terra pra vender, todo mundo queria era pra plantar.” **Luis Farias**

“Por incrível que pareça, tivemos o comprometimento de várias autoridades, uma delas foi o governador de Santa Catarina, em exercício, Eduardo Pinho Moreira, que se comprometeu na frente das famílias em resolver o problema fundiário de Imbituba, pelo menos na parte que cabia ao estado, na parte da CODISC. Só que um ano depois, trataram de vender uma boa parcela.” **Marlene Borges**

“A Engessul botou um guarda com arma.... nós dizia que não ia sair dali e eles disseram que se

fosse preciso usariam até a arma. Chegaram a mostrar a arma para mim. Depois botaram um cara com cachorro... Eles estavam muito interessados na área lá de cima... Eu tava capinando e ele dizia pra mim oh tu não pode subir pra cá! Não, eu vou subir! Daí, um dia, levamos o trator lá em cima e botemos até a casa do guarda pra baixo.” **Maurino I. Martins**

“O que mais revoltou..., é que quando o governo vendeu, deu... não sei... nós não fomos sabidor... Pra mim, nós tinha que ser os primeiro a saber que o terreno ia ser vendido. Porque o direito é nosso, de comprar o terreno. Porque fomos obrigado a vender... Então, é claro que existiu cambalacho...” **Luis Farias**

“(...) porque a CODISC ela obrigou: - Se vocês não saírem, a máquina vem, aterra tudo e pronto, vocês perdem tudo, entendeu? Tinha morador daqui que saiu daqui chorando, que não queria sair... Só saíram morreram de desgosto. Mas apesar de tudo, resistimos e ficamos plantando sempre em cima desse terreno, toda vida. Quem já era dono e quem não era... Então tem gente que perdeu o umbigo aqui, porque o pai plantava, o avô, o bisavô...Tudo criado aqui. Tem outros que plantam há vinte anos, há trinta anos...” **Antero Francisco Cardoso**

## A ACORDI e a nossa Feira da Mandioca

### Mandioca

“Eu acho que a ACORDI pra nós foi uma grande força porque se a ACORDI não entra, ninguém tava aqui nesse terreno, o terreno era outro. Então, ajudou bastante. Aí a turma se uniu e inventamos de fazer a feira da mandioca porque aia chamar a atenção do povo sobre o nosso serviço, mostrava as terras, como se faz farinha, beju, a bijajica... A feira cada vez envolve mais pessoas, mais atividade.” **Ayres Francisco Cardoso (Zezeca)**

“A Feira da Mandioca sintetiza a força, a luta dos trabalhadores pela permanência nos Areias da Ribanceira.” **Ademir da Rosa**

“Na Feira da Mandioca, vem gente da Nova Brasília, vem gente de Florianópolis, vem gente de Criciúma, vem gente de Tubarão, vem gente de carro, a cavalo, a pé...! Eles botam tanta coisa bonita ali, tu não viu ainda?(...)” **Ana Estácio Cardoso**

“(...) Tudo que nos produzimos, vendemos na feira... A gente produz broa, biju, bijajica, farinha... A feira é tradição, sempre se fazia as festa nos engenhos junto com as festa junina, fazia a nossa fari-nhada.” **Ayres Francisco Cardoso (Zezeca)**

“A Acordi foi criada para proteção da terra, do mar e da nossa atividade...” **Genésio de Freitas**

“A Feira da Mandioca surgiu pela necessidade de mostrar para a comunidade em geral a nossa luta... Mas ela é também um momento de festa, de comemoração, de agradecimento pela colheita, pelo alimento que colocamos na mesa de todos, ricos e pobres...” **Marlene Borges**





## Fomos despejados de nossas terras para a chegada da Firma

“Quando saiu a notícia... a gente pensou que ia acabar tudo... a nossa união e articulação com outros movimentos, igrejas, estudantes... salvou isto aqui. Realmente, eu acho que nos devemos estar bem unido.” **Maurino I. Cardoso**

“Essa terra deu muita produção, muitos ainda tão vivendo dessa terra... Agora essa firma chegou tá indo tudo por água abaixo, não vai ter mais nada... o peixes do mar vão acabar... os pobrezi-nhos que vivem da pesca vão tudo morrer de fome. Essa firma, não era para pousar ali, ali tem nascente que vai pra lagoa. Por causa daquela firma nos estamos correndo mundo com os filhos pequenos. Eles botaram nós pra fora como cachorro de rua... e nós não somos cachorro, nos somos pessoa de carne e osso igual a eles.” **Aurina Abreu**



“Falaram pra mim: eles vão derrubar a sua casa lá em cima... Eu entrei dentro de casa, saí assim, olhei, uma poeira, os bichos chegaram armado... O que tá acontecendo?- É pra você tirar o que tem ai dentro. Eu disse, se seu eu fosse o teu pai você faria isso pra mim? Não tem conversa! - Eu não vou tirar coisa nenhuma. Vamos tirar! E tem que ser agora, quanto antes melhor, tem que tirar agora mesmo, vamos, vamos, vamos... Vieram com duas máquinas... Eu virei pro lado, nem olhei pra trás... Naquela hora ali veio tanta coisa ruim na cabeça... Hoje, eu venho aqui e nem gosto de olhar pra lá. Eles me tiraram e agora o gado deles é que tá lá...” **José Farias**



“Eles pegaram o que ganharam na justiça e também outras áreas públicas, como o recuo deixado para a duplicação da avenida, pegaram a rua Ailton Floriano, que era caminho do tempo dos jesuítas e aprovada na lei na câmara dos vereados. Eles fecharam e colocaram a empresa Votorantim em cima da rua. É um absurdo... Denunciamos e ninguém fez nada.” **Mariléia da Silva Luís**

“Dá aquele choque, mas não tem outra estrada pra passar..., Batalhei pra ir mais pra fora, mas tenho que passar ali... Não me sinto com coragem de vir aqui depois do

que fizeram com a gente... Derrubaram, quebraram tudo... por causa de dinheiro... por causa dos políticos que tem em Imbituba e mais alguns de fora, tudo comprado, tudo comprado. Tem que fazer com eles, o que fizeram com nos aqui... Estamos presos num cercado que parece um curral... Para entrar tem que dar aquela volta inteira, andar mais de quilometro. O engenho aonde vai fazer, não tem mais lugar pra fazer o engenho”.

**Antero Francisco Cardoso**

“Entraram aqui, sem mandado, escoltados pela polícia, pra derrubar a nossa sede... esta terra, onde tá a ACORDI que não fez parte da reintegração, mas mesmo assim invadiram nossa terra. E também tem outras coisas, aquela sentença não tinha meu





nome, o do seu Antero, nem do pai e de muitos outros...Tinha só o nome dos cinco que foram processados a Marlene, o seu Zé Farias, etc. Nós fomos expulsos como outros, mas somos cidadãos... Como um oficial de justiça vai entregar um documento, se não tem nome? ...se tem apenas outros... A gente não é outro, nós temos nome... Além disso, a maior parte daquela terra nem tava em nome deles. Alguns agricultores pagam INCRA até hoje, e tem papel. Mas, isso não vale nada diante da força do dinheiro..." Geremias Valentim

"Tudo indica que parte da Votorantim foi instalada na área que não era objeto da reintegração. Além disso, a área é APP, um lugar de vertentes... O barulho tem sido um grande problema, se ouve ruído das máquinas até na praia da Ribanceira... Isto porque a fábrica é nova, agora imagina daqui há alguns anos... O cumprimento dessa sentença de reintegração ressuscitou o projeto de desenvolvimento da década de 1970, da época da ditadura. Eu tinha acabado de ganhar um bebe, não estava na hora... Mas, quando escutei do Coca: ...foi um dia que eu não queria ter vivido... que centenas de policiais, montados a cavalos, tropa de choque (...) tiraram trabalhadores das suas terras... Senti temor pelo futuro... Apesar de tudo, ainda acredito na nossa vitória!" Marlene Borges

  
CARTÓRIO REGISTRO DE IMÓVEIS E HIPOTECARÍAS  
Estado de Santa Catarina  
Escritório do Registro de Imóveis  
LAGUNA  
Voluntário Paulo de Fomaca Carneiro  
Registrador  
Escritório de Utiúva 1974  
Escritório Autorizado  
CNPJ 087.83.243/0001-91  
Tel: (48) 3644-6040 / (48) 3644-0185  
COMARCA DE LAGUNA - ESTADO DE SANTA CATARINA

**CERTIFICO**, que a pedido verbal da parte interessada, para os devidos fins, que revendo os livros competentes em meu poder e cartório, neles verifiquei que o imóvel de propriedade: **MANOEL SABINO TEIXEIRA, residente e domiciliado em Vila Nova-Imbituba-SC. Relativo: Um terreno situado em Ribanceira, distrito de Vila Nova, do Município de Imbituba-SC, com cinquenta braças de frente por oitocentas braças de fundos mais ou menos, fazendo frente ao Campo Municipal e fundos com as Vertentes do Morro, extremando pelo norte com Manoel Sabino Teixeira e pelo sul com Manoel Custodio Costa e Registrado sob Transcrição n.º 762 livro 3-C, as fls. 178 desse Cartório. NÃO ESTÁ HIPOTECADO NEM SUJEITO A QUAISQUER ÔNUS, ATÉ A PRESENTE DATA.** É o que me cumpre certificar. Eu, Registrador, subscrevo, dou fé e assino.

Laguna (SC), 23 de fevereiro de 2011

  
Registrador.


















CARTÃO: R\$ 6,00  
SELLO: R\$ 1,00  
TOTAL: R\$ 7,00







A presente certidão tem validade de 30 dias a contar da data de sua expedição. (art. 833 do Código de Normas dos Funcionários e Beneficiários de Santa Catarina.) Documento impresso por meio eletrônico, qualquer emenda ou rasura, sem ressalva, será considerada como indicio de adulteração ou tentativa de fraude.

Rua: Voluntário Capes, Centro, 123 - CEP 88.700-000 - Laguna/SC - Fone/Fax: (48) 3644-6040 / 3644-0185  
e-mail: criteis@son.malte.com.br  
Horário de Atendimento: 09:00 as 12:00 e 14:00 as 18:00

# Principais Atividades Sócio-Econômicas da Comunidade dos Areais da Ribanceira

Legendas

	melancia		abóbora
	amendoim		milho
	marisco, siri, buzo		mandioca
	sardinha		aipim
	tainha		batata-doce
	anchova		butiá
	araçá		maracujá-roxo
	bacupari		ervas medicinais
	maracujá		

	Em junho é o Aniversário da ACORDI e a Feira da Mandioca		Farinhada
	Preparo da terra		Colheita
	Plantio		Extrativismo

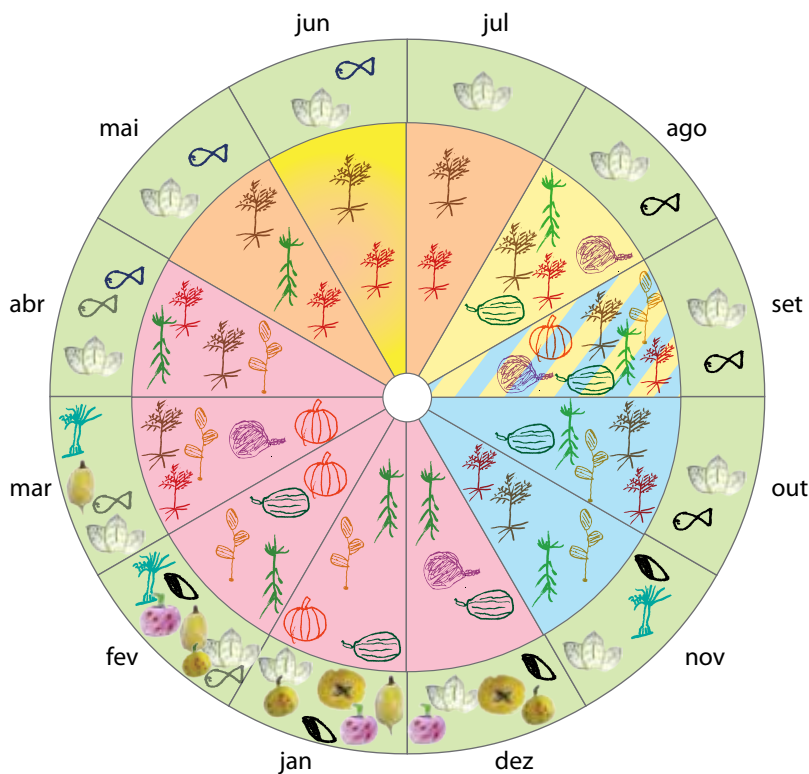


FOTO: OTACÍLIO DE SOUZA, MARLENE BORGES E GEREMIAS VALENTIM



# Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná
- 2 Fundos de Pasto *Nosso Jeito de Viver no Sertão* Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais *Mostrando sua Cara, Vez e Voz*, Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas Pernambuco
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 8 Quilombolas de Linharinho Espírito Santo
- 9 Cipozeiros de Garuva Floresta Atlântica, Santa Catarina
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia, Mato Grosso
- 11 Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão – Paraná
- 12 Comunidade de Pescadores de Caravelas Sul da Bahia
- 13 Expressões culturais e ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha – Vitória, Espírito Santo
- 14 Ribeirinhos e Artesãos de Sumaúma e Xixuaú – Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 15 Ilhéus do Rio Paraná – atingidos pelo Parque Nacional da Ilha Grande e APA Federal, Paraná
- 16 Pescadores a Vila de Superagui – Guaraqueçaba Paraná
- 17 Movimento em defesa da Costa da Lagoa: pescadores e pescadoras artesanais – referências culturais da Costa da Lagoa – Florianópolis, Santa Catarina
- 18 Capoeira da Ilha – Florianópolis, Santa Catarina
- 19 Quilombolas de Morro do Boi – Santa Catarina
- 20 Comunidade Tradicional de Agricultores e Pescadores Artesanais dos Arais da Ribanceira – Imbituba, Santa Catarina



## REALIZAÇÃO

Associação Comunitária Rural de Imbituba – ACORDI



## APOIO



UFAM  
PPGAS

